

Síntese kantiana

Resumo

Kant e o criticismo

Conhecido como o maior filósofo do Iluminismo, o alemão Immanuel Kant é também um dos maiores pensadores de todos os tempos e se notabilizou nas mais diversas áreas da filosofia: da lógica à filosofia política, da ética à estética. Nesse sentido, uma de suas contribuições mais importantes para a história da filosofia – talvez a maior de todas elas – foi a criação de uma nova corrente na teoria do conhecimento, corrente esta que, de acordo com o Kant, resolveria definitivamente todos os problemas da epistemologia: o criticismo. Ora, no que esta corrente crê?

Em primeiro lugar, precisamos recordar que, na época de Kant, a teoria do conhecimento já ocupava a alguns séculos o centro das especulações filosóficas e vivia dividida em duas grandes correntes: o racionalismo, que considerava a razão o fundamento básico do conhecimento humano, e o empirismo, que dava centralidade aos sentidos no processo de conhecimento. De modo mais ou menos radical, essas duas correntes vinham sempre se contrapondo sem nunca chegar a um acordo. E foi aí que Kant se destacou. Segundo ele, o primeiro passo para a resolução dos problemas epistemológicos seria uma reavaliação geral de toda a discussão desde o seu ponto de partida. Era preciso fazer uma crítica do conhecimento (daí o nome criticismo): perguntar, como se isso nunca tivesse sido feito antes, quais as condições de possibilidade do conhecimento humano.

Curiosamente, a conclusão de Kant em sua Crítica da Razão Pura foi de que tanto o racionalismo quanto o empirismo tinham o seu quê de verdadeiro, que merecia ser reconhecido, mas que também, justamente por isso, nenhum dos dois podia ser admitido sem ressalvas ou ser absolutizado. Ao contrário, para Kant, o papel do verdadeiro filósofo seria unir o que essas duas correntes tinham de verdadeiro, expurgando o que fosse falso. Era necessário fazer uma conciliação, uma síntese transcendente entre as duas teorias.

Como isso seria possível? Bem, para Kant, a primeira coisa que uma crítica séria do conhecimento nos revela é que não podemos nunca acessar o número, isto é, nunca podemos descobrir a essência das coisas, a realidade tal como ela é em si mesma, mas apenas os fenômenos, ou seja, a realidade tal como aparece para nós. Aliás, segundo o autor, foi esse o erro básico das teorias do conhecimento precedentes, que, sem reconhecer os limites da inteligência humana, achavam possível descobrir a realidade tal como ela é em si mesma, objetivamente. Indo justamente numa direção contrária, Kant rejeita toda perspectiva objetivista, realista. Para ele, nós nunca saberemos como as coisas são. Podemos apenas descobrir como as coisas são para nós, como elas aparecem para os seres humanos. Não à toa, a filosofia kantiana é considerada subjetivista, idealista. Historicamente, aliás, essa inovação de Kant ficou conhecida como revolução copernicana. Com efeito, assim como Copérnico, com sua defesa do heliocentrismo, teria modificado o centro do universo, transplantando-o da Terra para o Sol, da mesma maneira Kant teria modificado o centro da

filosofia, transplantando-o de uma perspectiva realista (centrada no objeto do conhecimento) para uma perspectiva idealista (centrada no sujeito do conhecimento). No entanto, é necessário perceber aqui que o idealismo kantiano não é individual. Não se trata de como a realidade aparece para cada ser humano, mas sim de como ela aparece para todos os indivíduos, uma vez que temos todos a mesma estrutura cognitiva. Trata-se, pois, de um idealismo transcendental.

Como adiantado acima, a conclusão retirada por Kant de sua investigação das condições de possibilidade do conhecimento humano foi uma síntese entre o racionalismo e o empirismo. Segundo o autor, tanto a razão quanto os sentidos são fundamentos básicos do conhecimento, mas sob aspectos diferentes, cada um com o seu papel. Assim, ao invés de um ou os outros serem a fonte primária do conhecer, o que há é a função de cada um e a interdependência de ambos.

Dito de modo simples, pode-se resumir a coisa da seguinte maneira. São duas as faculdades ou capacidades básicas do conhecimento humano: o entendimento (correspondente à razão) e a sensibilidade (correspondente aos sentidos).

Faculdade idêntica em todos os seres humanos e possuída pelos homens desde que nasceram, o entendimento gera conceitos e fornece o conhecimento a priori (prévio à experiência), o qual consiste nas doze categorias básicas do conhecimento (substância, relação, quantidade, qualidade, etc.). Tal conhecimento a priori fornece a forma do conhecimento humano em geral, isto é, a estrutura a partir da qual conhecemos as coisas. A sensibilidade, por sua vez, sendo uma capacidade com que os homens também nascem, é, porém, a princípio vazia, uma vez que depende da experiência para ser preenchida – e varia de um indivíduo para o outro. Sendo assim, ela gera intuições e fornece o conhecimento a posteriori (posterior à experiência), o qual se constitui dos dados oferecidos pelos sentidos. Tal conhecimento fornece não a forma, mas a matéria, o conteúdo do conhecimento humano em geral, o qual é estruturado pelas categorias da razão. Assim, o conhecimento é uma junção de razão e sentidos, entendimento e sensibilidade. A razão dá a forma do conhecimento, os sentidos dão a matéria. O entendimento fornece a estrutura a priori, a sensibilidade o conteúdo a posteriori. Em síntese, a conceito sem intuição é vazio, a intuição sem conceito é disforme.

Naturalmente, as consequências dos princípios do criticismo kantiano foram muito para além da teoria do conhecimento. Uma vez que todo conhecimento teórico depende simultaneamente do entendimento e da sensibilidade, Kant concluiu que é impossível provar racionalmente a existência de Deus, a imortalidade da alma e a liberdade humana. De fato, nenhum desses três objetos (Deus, alma e liberdade) pode ser percebido diretamente pelos sentidos, sendo assim, nenhum deles pode ser conhecido com segurança. Essa rejeição de Kant dos temas clássicos da metafísica, porém, foi provisória. Como veremos a seguir, Kant resgatará os temas Deus, alma e liberdade quando tratar das questões éticas.

Quer ver este material pelo Dex? Clique [aqui](#)

Exercícios

1. O filósofo alemão Immanuel Kant formulou, na *Crítica da Razão Pura*, uma divisão do conhecimento e acesso da razão aos fenômenos. Fenômenos não são coisas; eles nomeiam aquilo que podemos conhecer das coisas, através das formas da sensibilidade (Espaço e Tempo) e das categorias do entendimento (tais como Substância, Relação, Necessidade etc.). Assim, Kant afirma que o conhecimento humano é finito (limitado por suas formas e categorias). Como poderia haver, então, algum conhecimento universalmente válido? Ele afirma que tal conhecimento se formula num “juízo sintético *a priori*”. Juízos são afirmações; o adjetivo “sintéticos” significa que essas afirmações reúnem conceitos diferentes; “*a priori*”, por sua vez, indica aquilo que é obtido sem acesso à experiência dos fenômenos, antes deles e para que os fenômenos possam ser reunidos em um conhecimento que tenha unidade e sentido.

Com base nisso, indique a alternativa CORRETA.

- a) Para Kant, o conhecimento humano é diretamente dado pela experiência das coisas, acessíveis pelos sentidos (visão, audição, etc.).
- b) Juízos sintéticos *a priori* são afirmações de conhecimento cuja natureza é particular e que se altera caso a caso.
- c) Se a Metafísica é o conhecimento da essência das coisas elas mesmas, Kant é, na *Crítica da Razão Pura*, um defensor da Metafísica, e não um defensor da finitude do conhecimento.
- d) Para Kant, Espaço e Tempo são categorias do entendimento mediante as quais conhecemos os fenômenos.
- e) Juízos sintéticos *a priori* permitem organizar o conhecimento, dando a ele validade universal e unicidade.

2. Leia os textos a seguir.

Exercita-te primeiro, caro amigo, e aprende o que é preciso conhecer para te iniciares na política; antes, não. Então, primeiro precisarás adquirir virtude, tu ou quem quer que se disponha a governar ou a administrar não só a sua pessoa e seus interesses particulares, como a cidade e as coisas a ela pertinentes. Assim, o que precisas alcançar não é o poder absoluto para fazeres o que bem entenderes contigo ou com a cidade, porém justiça e sabedoria.

PLATÃO, *O primeiro Alcebiades*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2004. p. 281-285.

Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso do seu entendimento sem a direção de outro indivíduo... *Sapere Aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento.

KANT, I. *Resposta à pergunta: que é 'Esclarecimento' ('Aufklärung')*. Trad. Floriano de Souza Fernandes, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 100-117.

Tendo em vista a compreensão kantiana do Esclarecimento (Aufklärung) para a constituição de uma compreensão tipicamente moderna do humano, assinale a alternativa correta.

- a) Fazer uso do próprio entendimento implica a destruição da tradição, na medida em que o poder da tradição impede a liberdade do pensamento.
- b) A superação da condição de menoridade resulta do uso privado da razão, em que o indivíduo faz uso restrito do próprio entendimento.
- c) A saída da menoridade instaura uma situação duradoura, pois as verdadeiras conquistas do Esclarecimento se afiguram como irreversíveis.
- d) A menoridade é uma tendência decorrente da natureza humana, sendo, por esse motivo, superada no Esclarecimento, com muito esforço.
- e) A condição fundamental para o Esclarecimento é a liberdade, concebida como a possibilidade de se fazer uso público da razão.

3. O tempo nada mais é que a forma da nossa intuição interna. Se a condição particular da nossa sensibilidade lhe for suprimida, desaparece também o conceito de tempo, que não adere aos próprios objetos, mas apenas ao sujeito que os intui.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Trad. Valério Rohden e Udo Baldur Moosburguer. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 47. Coleção Os Pensadores.

Com base nos conhecimentos sobre a concepção kantiana de tempo, assinale a alternativa correta.

- a) O tempo é uma condição a priori de todos os fenômenos em geral.
- b) O tempo é uma representação relativa subjacente às intuições.
- c) O tempo é um conceito discursivo, ou seja, um conceito universal.
- d) O tempo é um conceito empírico que pode ser abstraído de qualquer experiência.
- e) O tempo, concebido a partir da soma dos instantes, é infinito.

4. Até hoje admitia-se que nosso conhecimento se devia regular pelos objetos; porém todas as tentativas para descobrir, mediante conceitos, algo que ampliasse nosso conhecimento, malogravam-se com esse pressuposto. Tentemos, pois, uma vez, experimentar se não se resolverão melhor as tarefas da metafísica, admitindo que os objetos se deveriam regular pelo nosso conhecimento.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1994 (adaptado).

O trecho em questão é uma referência ao que ficou conhecido como revolução copernicana na filosofia. Nele, confrontam-se duas posições filosóficas que

- a) assumem pontos de vista opostos acerca da natureza do conhecimento.
 - b) defendem que o conhecimento é impossível, restando-nos somente o ceticismo.
 - c) revelam a relação de interdependência entre os dados da experiência e a reflexão filosófica.
 - d) apostam, no que diz respeito às tarefas da filosofia, na primazia das ideias em relação aos objetos.
 - e) refutam-se mutuamente quanto à natureza do nosso conhecimento e são ambas recusadas por Kant.
5. No século XVIII, o filósofo Emanuel Kant formulou as hipóteses de seu idealismo transcendental. Segundo Kant, todo conhecimento logicamente válido inicia-se pela experiência, mas é construído internamente por meio das formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias lógicas do entendimento. Dessa maneira, para Kant, não é o objeto que possui uma verdade a ser conhecida pelo sujeito cognoscente, mas sim o sujeito que, ao conhecer o objeto, nele inscreve suas próprias coordenadas sensíveis e intelectuais. De acordo com a filosofia kantiana, pode-se afirmar que
- a) a mente humana é como uma "*tabula rasa*", uma folha em branco que recebe todos os seus conteúdos da experiência.
 - b) os conhecimentos são revelados por Deus para os homens.
 - c) todos os conhecimentos são inatos, não dependendo da experiência.
 - d) Kant foi um filósofo da antiguidade.
 - e) para Kant, o centro do processo de conhecimento é o sujeito, não o objeto.

6. Nos *Princípios Matemáticos de Filosofia Natural*, Newton afirmara que as leis do movimento, assim como a própria lei da gravitação universal, tomadas por ele como proposições particulares, haviam sido “inferidas dos fenômenos, e depois tornadas gerais pela indução”. Kant atribui a estas proposições particulares, enquanto juízos sintéticos, o caráter de leis a priori da natureza. Entretanto, ele recusa esta dedução exclusiva das leis da natureza e consequente generalização a partir dos fenômenos. Destarte, para enfrentar o problema sobre a impossibilidade de derivar da experiência juízos necessários e universais, um dos esforços mais significativos de Kant dirige-se ao esclarecimento das condições de possibilidade dos juízos sintéticos a priori. Com base no enunciado e nos conhecimentos acerca da teoria do conhecimento de Kant, é correto afirmar:
- a) A validade objetiva dos juízos sintéticos a priori depende da estrutura universal e necessária da razão e não da variabilidade individual das experiências.
 - b) Os juízos sintéticos a priori enunciam as conexões universais e necessárias entre causas e efeitos dos fenômenos por meio de hábitos psíquicos associativos.
 - c) O sujeito do conhecimento é capaz de enunciar objetivamente a realidade em si das coisas por meio dos juízos sintéticos a priori.
 - d) Nos juízos sintéticos a priori, de natureza empírica, o predicado nada mais é do que a explicitação do que já esteja pensado realmente no conceito do sujeito.
 - e) A possibilidade dos juízos sintéticos a priori nas proposições empíricas fundamenta-se na determinação da percepção imediata e espontânea do objeto sobre a razão.
7. Immanuel Kant, além da Filosofia, dedicou-se também às questões científicas, tendo sido pioneiro na afirmação de que as “nebulosas” não são apenas gases, mas conglomerados de estrelas. Sua tese de 1755 sobre a formação do Sistema Solar antecipou ideias semelhantes às do francês Laplace. A chamada “hipótese de Kant-Laplace” explica o surgimento do Sol e dos planetas a partir de uma “nebulosa primitiva”, em movimento de rotação constante e cujos gases aos poucos se acumulam no centro, adensando-se e gerando o Sol, enquanto ao redor desse criam-se núcleos de matéria concentrada, dando nascimento aos planetas. Embora essa concepção já tenha sido superada, ela foi importante para o desenvolvimento das teorias cosmológicas contemporâneas, inclusive a mais famosa, a do *big-bang*.

Marque a opção que melhor exprime a relevância das teorias cosmológicas de Kant e de Laplace.

- a) É possível conceber a origem e a evolução do Universo por meio da razão e dos conhecimentos científicos.
- b) A busca do conhecimento é uma tarefa inglória, pois há sempre uma teoria nova se sobrepondo à atual.
- c) Como o ser humano não estava presente na origem do mundo, ele não pode ter qualquer conhecimento do que então aconteceu.
- d) O conhecimento sobre a origem do Universo e as causas dos fenômenos naturais de nada serve para o ser humano e é pura vaidade.
- e) Só podemos conhecer aquilo que experimentamos diretamente.

8. “Até agora se supôs que todo nosso conhecimento tinha que se regular pelos objetos; porém, todas as tentativas de mediante conceitos estabelecer algo a priori sobre os mesmos, através do que o nosso conhecimento seria ampliado, fracassaram sob esta pressuposição. Por isso tente-se ver uma vez se não progredimos melhor nas tarefas da Metafísica admitindo que os objetos têm que se regular pelo nosso conhecimento a priori, o que assim já concorda melhor com a requerida possibilidade de um conhecimento a priori dos mesmos que deve estabelecer algo sobre os objetos antes de nos serem dados”.

Kant

De acordo com o pensamento de Kant, é correto afirmar que

- a) o conhecimento resulta da ação dos objetos sobre nossa capacidade perceptiva, de modo que todo conhecimento deriva da experiência.
 - b) nada pode ser estabelecido sobre os objetos que não seja dado por eles ou por meio deles.
 - c) nosso conhecimento é regulado por princípios que se encontram em nossa mente; como tais, são anteriores e independentes de toda experiência.
 - d) é dispensável fazer uma crítica da Razão e dos limites e possibilidade do conhecimento.
 - e) a Metafísica se constituiu há muito tempo como disciplina que “encetou o caminho seguro de uma ciência” (Kant).
9. Na história do pensamento humano foram construídos conceitos para compreender o que é filosofia. Uma das explicações foi dada pelo filósofo alemão Immanuel Kant, que dizia: *não há filosofia que se possa aprender; só se pode aprender a filosofar.*
- Essa afirmação significa que, para Kant, a filosofia é
- a) um fundamento.
 - b) uma atitude.
 - c) uma utopia.
 - d) uma ciência.
 - e) um método.
10. Considere o texto a seguir para responder à questão.

O juízo estético em Kant é uma intuição do inteligível no sensível, em que o sujeito não proporciona nenhum conhecimento do objeto que provoca, não consiste em um juízo sobre a perfeição do objeto, é válido independentemente dos conceitos e das sensações produzidas pelo objeto.

TAVARES, Manoel; FERRO, Mário. *Análise da obra fundamentos da metafísica dos costumes de Kant*. Lisboa- Portugal: Editorial Presença, [s.d.]. p. 43-44.

Então, para Kant, a estética é uma intuição de ordem

- a) objetiva.
- b) cognitiva.
- c) subjetiva e cognitiva.
- d) subjetiva e objetiva.
- e) subjetiva.

Gabarito

1. E

Para Kant, os juízos são estruturas que formulam o processo do conhecimento, sendo alguns juízos necessários e universais e, portanto, puros e a priori. Esses juízos, para ele, possibilitam o conhecimento denominado puro, ou seja, o conhecimento que está relacionado à estrutura cognitiva humana a priori, independentemente da experiência empírica.

2. E

Para Kant, o esclarecimento pressupõe a capacidade do indivíduo de fazer uso da sua própria razão de forma autônoma, ou seja, a partir do uso de seu próprio entendimento de maneira independente do entendimento alheio. A autonomia de pensamento característica do esclarecimento implica, por sua vez, a liberdade, o que inclui a possibilidade do indivíduo de se expressar livremente, realizando o uso público da sua razão, como constatado na alternativa [E].

3. A

Para Kant, os indivíduos possuem estruturas ou faculdades cognitivas que possibilitam a experiência e o entendimento, sendo essas estruturas existentes *a priori*, ou seja, estariam presentes nos indivíduos desde o nascimento, não dependendo de nenhuma condição empírica de aquisição. Entre essas estruturas, estaria a noção de tempo, de modo que o tempo seria uma forma *a priori* da sensibilidade, condicionante da apreensão dos fenômenos empíricos, como apontado pela alternativa [A].

4. A

Primeiro, distingamos entre os tipos de juízos que Kant considera sermos capazes de fazer. Eles são três: 1) juízos analíticos (ou aqueles juízos nos quais já no sujeito encontramos o predicado, ou seja, juízos tautológicos e, por conseguinte, dos quais não se obtém nenhum tipo de conhecimento); 2) juízos sintéticos a posteriori (ou aqueles juízos nos quais a experiência sensível está presente e se faz parte decisiva do julgamento, ou seja, juízos particulares e contingentes); e 3) juízos sintéticos a priori (ou aqueles juízos nos quais o predicado não está contido no sujeito e a experiência não constitui alguma parte decisiva do conteúdo, ou seja, juízos nos quais se obtém conhecimento sobre algo, porém sem que a experiência seja relevante para a conclusão obtida, o que faz desse tipo de juízo universal e necessário). Segundo, lembremos que Kant afirmava que a matemática e a física realizam justamente o último tipo de juízo mencionado. Ele, então, se perguntava se a metafísica também não era capaz de realizar esse tipo de juízo. Para solucionar esta questão: “é possível uma metafísica baseada em juízos sintéticos a priori?”, o filósofo irá modificar o ponto de vista da investigação se inspirando em Copérnico, isto é, considerando o objeto não através daquilo que a experiência sensível expõe, porém a partir da possibilidade de a faculdade mesma de conhecer constituir a priori o objeto – o astrônomo fez algo similar quando, em vez de calcular o movimento dos corpos celestes através dos dados da experiência sensível, calculou esses movimentos através da suposição de que o próprio observador (o homem sobre a Terra) se movia. Esse a priori que Kant formula se encontra nas formas da sensibilidade, nas categorias do entendimento e no esquematismo, isto é, na sua filosofia transcendental, ou na sua filosofia sobre as condições de possibilidade do próprio conhecimento.

5. E

Somente a alternativa [E] é correta. Kant faz uma “revolução copernicana” na filosofia ao colocar, como centro do processo de conhecimento, o sujeito e, não mais, o objeto. Tal concepção buscou superar a quimera entre inatistas e empiristas acerca do conhecimento.

6. A

Os *juízos sintéticos* são derivados da experiência de modo a expandir o conceito uma vez que o predicado não está implícito no sujeito e a experiência funcionaria como um fornecedor da extensão dos mesmos.

A título de exemplo, para melhor compreensão, Kant explicita esse caso com a afirmação “*todos os corpos são pesados*”. Diferentemente do conceito “*todos os corpos são extensos*”, no qual o predicado já estava incorporado no conceito inicial e só estava omissos. Esta afirmação agrega um conhecimento empírico, a saber, o de peso, sendo pela experiência o único meio de se obter tal predicado.

É na “*Crítica da Razão Pura*” que Kant elabora categorias que denomina de transcendentais, que são estruturas “a priori” da sensibilidade e do intelecto ao mesmo tempo em que possibilitam a experiência do objeto. Ele distingue três tipos de juízo:

- *Juízo Analítico a priori* (universal e necessário) – esta forma de juízo não amplia o conhecimento, só explica e é baseado no princípio da identidade, ou seja, o predicado não é nada mais que a explicitação do conteúdo do sujeito. Ex: um triângulo tem três lados.

- *Juízo Sintético a posteriori* (não é universal, nem necessário) – esta forma de julgamento amplia o conhecimento, pois realiza uma síntese, fundamentada na experiência.

- *Juízo Sintético a priori* (universal e necessário) – esta forma de julgamento amplia o conhecimento e é formulado independentemente da experiência empírica.

7. A

Immanuel Kant (1724–1804), assim ele se chamava, tinha 41 anos quando fez publicar a sua “Teoria do Céu”. Nessa obra, que teve repercussões duradouras nos debates científicos, Kant procurava estabelecer uma cosmogonia, ou seja, uma teoria sobre a criação do cosmos. Procurava basear as suas especulações na mecânica do físico inglês, mas dava largas à sua imaginação. O certo é que teve algumas intuições geniais. Kant percebeu que a Via Láctea era um conjunto de estrelas e de outros astros e deduziu, por analogia com o sistema solar e com as nebulosas espirais, que se tratava de um conjunto imenso em forma de disco achatado, ocupando o nosso Sol um local marginal. Daí, explicava que se visse a Via Láctea como uma faixa de luz no céu, ao invés de se ver uma luminosidade uniforme em toda a abóbada celeste. Continuando o seu raciocínio, defendeu que as nebulosas que se vêem no céu são outras “vias lácteas”; outros universos-ilha, como depois se disse; outras galáxias, como hoje se diz. A sua audaciosa teoria só viria a ser confirmada em 1924, com os trabalhos do astrônomo norte-americano Edwin Hubble (1889–1953).

Prosseguindo o seu raciocínio analógico inspirado nas nebulosas espirais, Kant defendeu que o sistema solar se tinha formado por condensação de uma nuvem de poeiras. Essa nuvem ter-se-ia achatado por efeito da rotação e partes dela ter-se-iam condensado por efeito da gravidade. No centro ficaria o Sol; à sua volta, aglomerações de matéria que gerariam os planetas. Era uma hipótese audaciosa e muito inteligente. Explicava o motivo por que os planetas descrevem movimentos orbitais todos no mesmo sentido, explicava a sua rotação, no mesmo sentido, em torno de si mesmos, e explicava ainda o fato de orbitarem todos em planos quase coincidentes.

Anos mais tarde, quando o grande matemático francês Pierre Simon de Laplace (1749–1847) desenvolveu e fundamentou uma hipótese semelhante, a teoria do filósofo alemão ganhou nova credibilidade. Veio a ser conhecida como hipótese de Kant-Laplace. Depois de várias controvérsias e

alterações, esta hipótese constitui hoje o chamado “modelo padrão” de formação de sistemas planetários.

Após ter considerado a Via Láctea como uma galáxia entre outras e ter apontado o sistema solar como um entre muitos possíveis, Kant estava convencido de que o nosso mundo é apenas um entre muitos outros mundos habitados. “Não hesitaria em arriscar tudo na verdade da minha proposição”, escreve, “de que, pelo menos, alguns dos planetas que vemos são habitados.” A especulação do filósofo sobre a pluralidade dos mundos encerra a obra “Teoria do Céu”, preenchendo toda a sua terceira parte. Aí se encontram alguns dos trechos mais ingênuos e, ao mesmo tempo, mais poéticos do filósofo alemão.

8. C

A questão faz referência à “revolução copernicana” empreendida por Kant na Filosofia. Para superar a quimera entre os empiristas e os inatistas, esse filósofo alemão passou a focar seus estudos sobre o sujeito do conhecimento ao invés de somente considerar os objetos conhecidos. Segundo Kant, ainda que o sujeito conheça os objetos por meio da experiência, tal conhecimento ocorre somente porque o homem tem, em si, princípios que regulam a sua mente.

9. B

Filosofar, na acepção kantiana, corresponde a uma atitude de pensar por si mesmo. Nesse sentido, está relacionado com uma intenção pedagógica de fazer as pessoas pensarem autonomamente, saindo do estado de menoridade, tal como Kant apresenta em seu texto *O que é Iluminismo?*

10. E

Segundo Kant, o juízo estético advém do prazer gerado, não havendo necessidade de estar relacionado com qualquer conhecimento acerca do objeto. Nesse sentido, esse corresponde a somente uma intuição de ordem subjetiva, de acordo com a forma que o sujeito percebe o objeto.